

## JOHN

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

Chego de madrugada a Maceió, vindo do trabalho em Salvador. Um grupo ótimo, com pessoas especiais e queridas, com momentos muito ricos, emocionantes, e felizes. Nesses momentos, à tarde, eu lembrara com gratidão, saudade e amizade do John, com quem eu tanto aprendera sobre grupos vivenciais, com quem eu, de um modo importante, aprendera a facilitar grupos, e com quem eu vivera tantos grupos, e tantos momentos significativos e especiais de grupo...

Pego o carro no estacionamento do aeroporto, e, vagarosamente, meio "sonado", me dirijo para casa, tentando sintonizar o rádio, que estava com sintonização difícil. Trabalho cumprido, repouso merecido em breve...

Mais uma vez o John da mesma forma me vem à memória...

Quase que simultaneamente, a sintonia...

É Djavan cantando... Um pouco confuso ainda. Demoro um pouco a perceber o que ele canta. E ele canta exatamente a música de onde tirei um verso para fazer uma citação na 'apresentação' que o John me pediu, anos atrás, para um livro dele... *Por ser exato, o amor não cabe em si... Por ser encantado, o amor revela-se...*

*Assim era com o espanto, eu dizia...* O livro do John se chamava *Vestígios de Espanto...*

Menciono a 'sincronicidade' por que o John tinha muito a ver com esse tipo de experiência... Tinha uma abertura muito natural para o insólito, para o improvável. Era um tipo de liberdade que o dispunha de um modo especial para a vivência do 'todo diferente das partes' da multiplicidade dos grupos, de suas multiplicações... Comecei a me abrir às sincronias das sincronicidades no grupo vivencial de Arcozelo, e nos outros grupos da Abordagem Rogeriana. Ali todos eram muito abertos, natural e alegremente, para as emanções do inesperado, do imprevisto, do espontâneo, do improvável, do insólito (digo *insólito* no sentido simples do termo, sem mistificações. Apenas na medida em que ele ronda e atravessa o nosso cotidiano, a nossa vida *normal*, ainda que não tenha a solidez destes, e seja desqualificado, ainda perfeitamente natural...). Em Arcozelo o curioso era que esta disposição para o inesperado espontâneo, a abertura para o espontâneo surpreendente, para a força do espontâneo mesmo que ainda desconhecido era a tônica. E mais curiosamente ainda, emanava ativa e potente, e bem humoradamente do *locus* de poder no grupo. O Carl Rogers e sua equipe de facilitadores norte americanos, junto com uma equipe de facilitadores brasileiros...

Mas o centro deste espírito não era necessariamente o Rogers. O Rogers o assimilava bem, o aceitava, era uma espécie de fiador e ativo participante. Mas o quase totem deste espírito era o John. A Maureen também. Fortemente egresso dos movimentos das décadas de sessenta e setenta, de pouca "cultura" psicológica, já quer PhD. Em Psicologia, mas físico de formação, tendo trabalhado em projetos para os vãos espaciais, o John tinha uma liberdade para ser psicólogo que permitiam esta grande abertura, uma atuação e originalidade ímpares.

Duas características me pareceram muito peculiares ao John. Esta abertura natural para o *insólito* e *improvável*, bem assimilada à normalidade cotidiana, sempre

emoldurada por um bom humor suave e fino; e uma tolerância virtualmente inesgotável. Em particular nos momentos mais difíceis e conflituosos... Fundamental, com ele aprendi, para a compreensão e facilitação de grupos...

Conhecemos o John quando da segunda vinda ao Brasil do Rogers e colaboradores, no Grupo Vivencial de Arcozelo. Trazidos ao Brasil pela ousadia de Eduardo Bandeira.

O staff de Norte Americanos era composto pelo Rogers, o John Wood, a Maureen, e Jack Bowen.

O John tinha meio que uma aura mitológica de sábio. Na verdade maior do que a sabedoria dele, ainda que ele fosse bastante sábio. Devida talvez a uma aparência singular, quem sabe herdada da ascendência indígena Norte Americana. Alegava-se isso, mas a bem da verdade, nada na aparência do John lembrava uma fisionomia de ameríndio, a não ser, talvez, uma pele vermelha, que não era de um "vermelho" de pele de índio...

No grupo, o John, assim como a Maureen, estavam em seu ambiente natural. Aparentemente, mais do que o Rogers, por exemplo. Eles eram grandes responsáveis pela experimentação com aquele novo modelo de grupos vivenciais. Que em muito, qualitativa e quantitativamente, transcendia ao paradigma dos "Grupos de Encontro". Movimentavam-se neste paradigma de trabalhos com grupo com grande fluidez e alegria, como se estivessem em casa, na medida em que este modo de trabalho com grupos realizava de um modo importante o que eles pensavam, em termos de filosofia de vida e de trabalho. Faziam na verdade uma dupla muito boa, que se complementava de um modo muito bom. O John mais tranquilo, a Maureen mais esperta, mais ativa e incisiva. Na verdade, eram muito amigos, se davam muito bem, e se gostavam. Tive neles uma matriz de minha formação em Psicologia, na Abordagem Rogeriana, na Gestalt Terapia, e nos trabalhos com grupos.

O Grupo de Arcozelo tinha uma ambiência particularíssima. Além das possibilidades e características de vivência de um grupo de quase duzentas pessoas, durante quinze dias; o grupo trazia uma aura dos recentemente acontecidos grandes festivais... E o John havia vivido com intensidade aquela época. Por esse, dentre outros motivos, ele permanecia como um fundo essencial do Grupo. Assim como a Maureen.

O Rogers era a grande estrela, mas não guardava essas características, era mais recatado, mais profissional, até meio caretão. Com todas as características aparenciais de um turista idoso Norte Americano, incluídos aí o chapeuzinho e a bermuda brancos, a camisa de estampado colorido, e a máquina fotográfica, claro, pendurada no pescoço... Dotado efetivamente, não obstante, de uma generosidade, uma atenção, de um interesse pelas pessoas, e um sorriso, enormes. Transformava-se quando falava nas reuniões dos grupos, marcado sempre por uma presença muito marcante e precisa. Mas que sempre conservava a escala pessoal da comunicação e da interação. Frequentemente era um susto estar interagindo com "o Rogers". E efetivamente era só uma pessoa. Sem pretensões a ser uma big star. Lembro um dia em um outro grupo, eu era então um estudante concluinte, e tentava me comunicar num grupo, e minha fala foi engolida pela "feira do grupo"... Minha surpresa quando ouvi a voz "poderosa" do Rogers pelo meio do tumulto: *Afonso, você terminou o que estava dizendo...* E aí eu terminei o que seria uma comunicação truncada e "infeliz". Outra hora, encontrei com ele num corredor. Imagina, eu e o Rogers nos aproximando frente a frente num corredor. Tentei falar alguma coisa,

gaguejando. No final, bem rogerianamente, ele segurou em meus ombros e disse, gosto de você, e gosto do Brasil. Estávamos na Itália.

Arcozelo foi aquela experiência fantástica e inenarrável, naquela comunidade, por quinze dias, numa proximidade e compartilhamento muito grandes, com vivências muito particulares e muito intensas.

Naquele momento, o John era meio distante. Só nos aproximamos mais no ano seguinte, em um grupo também organizado pelo Eduardo Bandeira, em Itapoan, em Salvador, do qual o John era também facilitador, junto com a Maureen. O Rogers não viera. Neste grupo o John me convidou para participar do programa de verão do CSP, na Itália e nos Estados Unidos. Com atividades em Roma, em La Jolla, e em Princeton, em New Jersey, nos EUA. No início do verão do Hemisfério norte, arrumei minha mochila e saí atrás do circo para minhas primeiras experiências internacionais.

Nas cecanias de Roma, em Rocca di Papa, o "Workshop on Personal and Social Power", com doze dias de duração era organizado por Alberto Zucconi e por seu instituto de Roma.

Depois de passar por Lisboa, eu chegara ao *Centro per uno Mondo Migliore*, em Rocca di Papa. Como disse, eu era então estudante concluinte de psicologia, em Maceió, e me esforçava por pertencer àquela comunidade internacional. A conexão que o John me permitia com tudo aquilo era fundamental. O John era muito dedicado a conectar, e a fazer com as pessoas interagissem e se sentissem bem.

Era fantástico participar de um modo tão próximo e intenso, de um grupo multinacional daqueles, tão particular. Lembro do Giggia, um senhor italiano baixinho, magrinho, e "sem vergonha", que se dizia o dono do *Cabaret*, onde o grupo se reunia e se divertia, alegre e ruidosamente, até a alta madrugada. Pauline Aarts, uma linda, doce e finíssima cantora holandesa. Lembro ela se acompanhando ao violão, uma música que falava de uma menina que morria num rio, e aos poucos ia se diluindo e se fundindo à água, aos peixes, às folhas. Nunca esqueci a bela melancolia que misturava Pauline em sua interpretação, à menina e o seu melancólico destino; o seu corpo sem vida, o rio, as folhas caídas, e suas águas esverdeadas e turvas, filtrando a luz dos raios do sol... Prakash, na verdade Columbus Slavsén, que voltava da vivência de um ano em um *ashram* na Índia, onde recebera o nome Hindu. Tivemos uma interação forte em um grupo, e no final ele disse *vocês do Sul têm sorte. Porque no Sul ainda existe vida...* Uma garota da Iugoslávia, que do meio para o fim do grupo começou a ficar ansiosíssima, com o pressentimento de que algo de horrível poderia acontecer a sua mãe e a sua família, em sua terra natal (fico todo arrepiado quando penso no que efetivamente aconteceu na Iugoslávia, anos depois...)... Tentamos, eu e Prakash, dar-lhe um apoio. Mas em vão. Ela não agüentou a angústia, e voltou para casa antes do grupo se encerrar... Lembro uma deliciosa "facção" de auto-declarados 'anarquistas' Italianos, com quem o vinho, e a festa, e a bagunça, estavam sempre garantidos... Recusavam-se alegremente a falar comigo em Inglês, aliás recusavam-se a falar em inglês de um modo geral. Excepcionalmente, e quando fosse absolutamente necessário, falavam o Inglês mais porco que pudessem inventar... Para mim falavam, *Latinos son una familia, he... podemos nos entender sin inglés...* Lembro que uma noite, quando saíamos do *Cabaret*, na madrugada, ouvimos um órgão atravessando a noite. Saímos à procura. Não era música sacra, mas era na pequena capela do local onde estávamos. Entramos. Era um dos 'anarquistas', que seguira à frente. A capela era muito pequena, mas bela, com muito mármore. Deitamos ali

pelo chão, e por mais umas horas escutamos o concerto de música clássica, cujo estilo tanto contrastava com o da música do cabaret, que acabava de encerrar suas atividades naquela noite... Madrugada inesquecível, a capela foi palco de vivências muito estranhas e bem humoradas demais para uma capela... Ríamos, dançávamos, namorávamos, conversávamos, papos leves e alegres, Ou papos seríssimos, namorávamos... Éramos uns vinte, junto com os simpáticos e farristas anfitriões anarquistas. Prakash dançava como mulher, e fazia toda uma performance de trejeitos femininos. Não era homossexual. Dizia que era uma meditação muito importante, que aprendera na Índia, na qual um homem se vivenciava por um tempo na condição de mulher... No grupo ainda, lembro um jovem psicanalista austríaco, que terminou o grupo meio desconcertado; um elegante e ainda jovem terapeuta dinamarquês; uma mulher que se dizia fazer parte de uma nobreza européia, e que tinha espalhafatosos e monumentais 'ataques histéricos', literalmente, no meio do grupo; uma jovem senhora israelense, que, num momento de discussão, me instigou a não desistir, quando eu desanimava com as dificuldades da língua... Rindo marotamente quando eu consegui me colocar, não sem alguma agressividade. Lembro de Melissa, uma mulher que já tinha passado da juventude, mas que se achava a miss do *Cabaret do Giggia*, e, às gargalhadas se comportava como tal, nas performances do *Giggia*, que era o mestre de cerimônias...

Quando o grupo se encerrava, pela manhã ou à tarde, o John aparecia de shorts, com uma bola de basquete, convidando para irmos para a quadra próxima, bater uma bolinha. Apesar de gostar de basquete e de jogar um pouco, minha habilidade era precária. O John jogava muito bem. Jogávamos, e conversávamos muito, no calor daquele sol morno. Terminávamos com umas cervejas no barzinho próximo... Foi assim que nos tornamos mais próximos.

Bater uma bolinha numa quadra de basquete terminou virando uma prática comum quando nos encontrávamos. Era uma das formas como atualizávamos os papos. E os papos eram sempre interessados e interessantes, frequentemente profundos, e bem humorados... Essa era uma das qualidades do John, o bom humor... Assim, batemos bola e conversamos em Rocca di Papa, em La Jolla, em Princeton, no México, em Fortaleza, em Maceió, em Jaguariúna...

Nos Estados Unidos, as atividades eram também com o John, a Maureen, e o Rogers; mas eram freqüentemente com equipes diferentes também. Eu que participara de atividades radicais no modelo rogeriano, no Brasil, e na Itália, não podia me conformar com atividades precariamente concebidas, realizadas, e facilitadas, em termos de ousadia e radicalidade, hoje eu entendo, fenomenológico existencial. Estava, não raro, indignado e em choque com os facilitadores daquelas atividades. Frequentemente eu me sentia lesado.

O apoio de John e de Maureen foi fundamental nesse momento. Encontrávamo-nos mais nos momentos informais, do que nos programas propriamente ditos. Encontrávamos nas festas, em particular nas "beach parties". Tenho uma foto, tirada por Gay, sua esposa naquele momento, numa destas festas, em que estou abrindo uma cerveja de um modo algo desastrado. O John ria muito desta foto, porque, dizia ele, que eu estava abrindo a lata como o personagem de um comercial da TV, que abria a lata de cerveja rasgando violentamente a parte de cima da lata.

Estas festas com os grupos dos programas eram particularmente alegres. Preparávamos *barbecue*, cachorros quentes, salgados e doces. Ouvíamos música e

dançávamos. Às vezes todos os participantes do grupo abraçados. Era muito especial e alegre.

Nos intervalos entre os programas eu era hospedado por Maureen em Encinitas, e desfrutava da alegre comunidade da casa.

De La Jolla eu fui para Princeton, em New Jersey, onde nos encontraríamos mais uma vez em um programa vivencial internacional, o *PCA International Workshop*.

Era um momento particularmente difícil para a equipe que se juntara em torno do Rogers naqueles anos. Eles tinham experimentado juntos, e desenvolvido um paradigma fenomenológico existencial revolucionário de trabalho com grupos. Viveram, de um modo muito forte, amizades, amores, e conflitos intensos, assim como importantes conquistas... E estavam naquele momento se separando. O *PCA International Workshop* era a última atividade da equipe.

O grupo foi uma experiência internacional de comunidade muito rica, na qual podíamos vivenciar as diferenças e as identidades através das diferentes nacionalidades, como cidadãos de nacionalidades diferentes, que se conheciam e desconheciam; e como pessoas, simplesmente, para além das nacionalidades... Uma experiência muito marcante, na qual, durante doze dias fizemos parte da comunidade do grupo, e da comunidade da Princeton University. Dos banhos nos laguinhos defronte dos prédios vetustos, dos restaurantes, dos dormitórios, das "conversas" com os esquilos, da convivência, a partir do pátio do campus, com a sala de trabalho de Einstein, cuja janela, sempre aberta, num dos prédios próximos, todos apontavam...

Quando o grupo vivencial se encerrou, vinte de seus participantes foram escolhidos para serem facilitadores de um grupo vivencial de abertura da Reunião da Associação Americana de Psicologia Humanista, que contou com dois mil participantes, no gramado do Campus da Universidade. Fui um dos do grupo de vinte facilitadores. E aí certamente havia o dedo do John e da Maureen.

No grupo de Princeton surgira a idéia de publicarmos em Português alguns ensaios da Maureen, do John e do Rogers que eu estava lendo e me dispondo a traduzir. Eu traduziria os ensaios para o Português, Maureen sugeriu que acrescentássemos uma parte minha, e publicássemos sob a forma de livro. Assim nasceu o germe do *Em Busca de Vida*.

De volta ao Brasil, comunicávamo-nos por carta. E eu tocava as traduções do projeto do livro. Por carta discutíamos o título, os capítulos, prefácio, capa, etc.

Para mim, a possibilidade de escrever surgira muito precocemente. Tenho a nítida impressão de que fui influenciado ainda na infância. Não sei muito bem nem como, nem por que. Mas os maiores suspeitos são meus avós. Minha avó, apesar de não ter nada especial para as letras (tinha para a dança, e para a alegria de viver...) havia sido uma amiga mais jovem do Graciliano Ramos, ainda em Palmeira dos Índios. Eram vizinhos. Meu avô, culto e humilde (... vês?! Ninguém assistiu ao formidável enterro de tua última quimera. Somente a ingratidão esta pantera... Estava embaixo do vidro de seu birô, em sua casa...), tinha festejados intelectuais na família. De modo que creio ter recebido deles a influência precoce. Certamente mamãe, também. Eu gostava das redações (nunca gostei de "Ditados") Me achando... Mas fui enormemente influenciado no sentido da escrita profissional pelos ensaios de John e de Maureen sobre grupos, e sobre a abordagem rogeriana que eu

lia naquele momento. O modo informal e apaixonado como escreviam. A vontade de falar coisas em seu próprio nome, falar do que viviam e pensavam...

Desde esse tempo, com a minha parte no *Em Busca de Vida*, eu desenvolvi a atividade, e o prazer da escrita profissional, integrando as influências que eu recebera na infância com as influências que eu recebia de John e de Maureen naquele momento.

Encontramo-nos depois em Pirassununga, em São Paulo, num grupo vivencial de longa duração, promovido por Rachel Rosenberg. Aí conheci muita gente da comunidade de interessados na abordagem rogeriana que até então eu não conhecera.

Logo em seguida veio o Fórum Internacional da abordagem rogeriana, em Oaxtepec, no México, organizado por Alberto Segrera.

Era inesperado, e querido, mas, vindo das experiências de Arcozelo, de Itapoan, de Roma, de La Jolla e de Princeton, eu me sentia muito integrado com John e com Maureen...

Neste momento o *Em Busca de Vida* já havia sido publicado, e nós celebrávamos alegremente o projeto gerado em Princeton.

De minha parte, foi a última vez que vi o John e a Maureen juntos como os 'amigos de fé irmãos camaradas', como eu os entendera desde Arcozelo... Encontrei-os depois, mas sempre separadamente... Pareceu-me que chegaram até a se estranhar em alguns momentos, e a se reconciliar...

E, profissionalmente, em termos da amizade deles, e dos projetos que eu sentia que podíamos desenvolver, eu tinha uma grande sensação de "orfandade". Naquele momento em Oaxtepec era como se brilhasse com o livro um projeto que não fora explicitado, mas que se desdobrava efetivamente. Depois do México só encontrei-os separadamente, e isto me dava a sensação de desalento e orfandade.

No México, um grupo de Latino Americanos, do qual participei ativamente, discutiu as possibilidades e limites da Abordagem na região. E criou o Encontro Latino da ACP. Mauro Amatuzzi, Jaime Doxsey, que também participavam do grupo Latino, e eu, ficamos encarregados de organizar o primeiro Encontro Latino no Brasil. Depois, Luiz Henrique Sá juntou-se ao grupo. Realizamos o primeiro Encontro Latino em Petrópolis.

Nessa época eu já morava em São Paulo, e ia freqüentemente ao Rio. As primeiras reuniões do primeiro Encontro Latino foram realizadas em meu improvisado apartamento de São Paulo. Realizamos em Petrópolis o primeiro Encontro, que foi um grande sucesso.

O John se manteve afastado de tudo isso. Mas já teve uma participação quando da organização do Encontro Nordestino.

No Encontro Latino, em Petrópolis começamos a discutir as possibilidades, e a viabilizar o Encontro Nordestino da Abordagem Rogeriana. Depois do Encontro, eu e John facilitamos um grupo juntos em Fortaleza, e o John participou de reuniões de discussão do Encontro Nordestino, sob a especial hospitalidade da casa de Virgínia Moreira. A idéia ficou um pouco parada, e Iaraci Advíncula, e um grupo de Recife, tomou a iniciativa de organizar em Gravatá o primeiro Encontro Nordestino.

O John manteve-se distante desses Encontros. Mas se aproximou visceralmente do Brasil, ao casar com Lucila e vir morar na Estância, em Jaguariúna.

Por volta desse período eu traduzia dele o "Vestígios de Espanto", e encontramos-nos em Jaguariúna para revisar e dar acabamento no livro. De certa forma, eu estava contrariado, porque, depois do *Em Busca de Vida*, eu achava que deveríamos fazer um esforço mais sistemático de teorização do modelo de trabalho com grupos que estava então se desenvolvendo. Comecei a escrever nessa direção. O livro do John ia em outra direção, constituindo-se como uma coletânea de histórias psicológicas.

Algumas vezes pude desfrutar da hospitalidade amiga de John e de Lucila, em Jaguariúna. Como sempre, jogávamos basquete na quadra, conversávamos longamente. Quando conversávamos íamos fundo, e conversávamos por muito tempo. Apesar de conversar muito sobre abordagem rogeriana, os temas eram livres e variavam enormemente. Podíamos conversar sobre o último atentado na Chechênia, sobre as relações dos EUA com a América Latina, sobre o Brasil, ou sobre coisas de grupos ou da abordagem rogeriana... O início era sempre meio randômico, como nos grupos, mas evoluía progressivamente, e ganhava em intensidade e profundidade. John era muito inteligente e perspicaz, tinha uma originalidade muito grande, um modo muito particular de pensar e abordar a realidade, e era especialmente bem humorado. Eu morava em São Paulo, e ele era sempre uma referência em Jaguariúna. Quando lá eu ia, em geral depois de dar aula em Itatiba ou Campinas, pegava o ônibus na Rodoviária de Campinas, e ia até a Estação Rodoviária de Jaguariúna, e eles me pegavam de carro.

De uma das últimas vezes em que estive na Estância Jatobá, eu chegara há um dia ou dois de Maceió. Passei por lá o final de semana, e na Segunda Feira eu retornaria a São Paulo. Na volta, da Rodoviária de Campinas, liguei para a minha família em Maceió. Soube então que as dores de uma suposta bursite que minha mãe vinha sentindo eram devidas na verdade a um tumor no intestino e fígado. E que no dia seguinte minha mãe chegaria a São Paulo para tratamento... Fiquei transtornado, e caminhei a esmo, por horas, por ruas de Campinas que eu nem conhecia, ainda acalentando a esperança de que o tempo houvesse entrado por um atalho errado, e que ainda pudesse ser revertido...

Ao final convenci-me de que eu precisava voltar para onde eu não queria, eu precisava voltar para São Paulo, volta que era diferente de todas as outras, e que tinha o retorno a realidade com um peso muito amargo. Eu sacramentava aquela realidade. Minha mãe, meu pai e uma irmã chegariam no dia seguinte, e eu precisaria tomar umas providências. Falei com John ainda, pelo telefone, e comentei a situação.

Foram quinze dias muito difíceis e dolorosíssimos em São Paulo. Do quarto do hospital, na madrugada, enquanto minha mãe e minha irmã dormiam, eu contemplava a ascensão iluminada da Augusta, o relógio em cima do Conjunto Nacional, e sabia que daquele quarto eu iria para Maceió, e que eu estava me despedindo de São Paulo. Toda aquela realidade de minha mãe era mais forte. E se impunha. Mas eu não podia deixar de sentir isso.

Voltamos juntos com minha mãe para Maceió, e minha mãe faleceu três dias após chegarmos.

Minha vida tomou então rumos radicalmente diferentes, na medida em que eu tive mesmo que me direcionar cada vez mais para Maceió, e me afastar de São Paulo...

Enquanto isso, eu finalizava o *Grupo - Fugacidade, Ritmo e Forma*, publicado um ano depois. John fez a 'apresentação'. E surpreendeu-me com o comentário de que estava surpreso com a quantidade de possibilidades que o livro abria.

Por um tempo ainda, eu continuei transitando entre São Paulo e Maceió. Reinstalou-se a distância que era típica na amizade da gente. Falávamo-nos de vez em quando por telefone, ou por e-mail, e encontramos-nos algumas das vezes em que estive em São Paulo, e em que pude ir a Jaguariúna. Encontramos-nos, ele e Lucila, no Encontro da ACP do Centro Sul, em Petrópolis... Mas, de fato, o meu ponto de equilíbrio se deslocara para Maceió, onde eu restabeleci minha vida pessoal e profissional, trabalhando em Maceió e outras cidades do Nordeste.

John foi mergulhando na vida e no trabalho com Lucila em Campinas e Jaguariúna.

Como sempre, das vezes que estive em Jaguariúna, desfrutei da hospitalidade e da amizade deles. Havia uma paz e beleza muito grandes na Estância Jatobá. A casa sempre ornamentada com os trabalhos da arte de Lucila. Eles transmitiam integração e harmonia, uma relação madura, afetiva e de bom gosto. Logo no início da relação com Lucila ele me confidenciou que fazia muito tempo que não se sentia apaixonado... Davam bem a impressão de terem juntos uma vida feliz, de bom gosto e qualidade. Das últimas vezes que conversamos o John estava metido em programas ecológicos em Jaguariúna, para os quais se mobilizava de um modo particular.

Ligou um dia para mim. Estava calmo, leve e jovial. Deu-me a impressão de que não tinha um assunto específico, queria só conversar... No início eu tentei falar em Inglês, mas ele insistiu em falar em Português... Falou dos trabalhos na Estância em Jaguariúna... Da última viagem aos Estados Unidos, e de uma série de assuntos assim... Despediu-se alegre e normalmente como sempre; e, como sempre, eu asseverei que iria procurá-lo assim que fosse a São Paulo...

Num Congresso que houve da Abordagem Rogeriana, em João Pessoa, pouco tempo depois, uma colega me falou que o John estava muito doente, e praticamente terminal... Eu fui pego completamente de surpresa, e fiquei desorientado. Ele não me falara, nem eu desconfiara. Como muitos, eu não imaginava que o John pudesse morrer assim tão logo. Guardava dele a nossa última conversa ao telefone...

Mas a informação era segura... E a "ficha começou a cair".

Com o tempo entendi que o John ligara para se despedir. E, bem ao seu modo, se despedira, deixando para mim uma imagem tranqüila, leve, bem humorado e jovial.

Fizemos alguns trabalhos juntos. Vivemos momentos de camaradagem alegre, de muita e desinteressada conversa. Mas nunca entendi muito bem por que o John me escolhera como amigo. Naturalmente isso não era nenhum mérito. Não o era em si, por um lado. E o John era uma pessoa que fazia amizades facilmente, e tinha uma legião de amigos. Para mim, foi uma amizade preciosa. Do final da graduação, ao exercício da profissão, a amizade com John foi um porto seguro de inteligência, lucidez, bom humor, bom astral, abertura para o equilíbrio do mundo, para o incomum, visto de um modo simples.

Sou profundamente grato pela dádiva, por sua generosidade, e pela generosidade de ser do John.